

Allan Kardec foi racista só para os desinformados

“O verdadeiro crítico deve afastar-se das ideias preconcebidas, despojar-se de qualquer preconceito pois do contrário julgará de seu ponto de vista, que talvez, nem seja justo.”

(ALLAN KARDEC)

Inicialmente, é importante demonstrarmos que Allan Kardec (1804-1869) foi um autêntico filantropo. Em ***Obras Póstumas***, no artigo intitulado *“Fora da caridade não há salvação”*, que se trata de revelação de *“pensamentos íntimos de Allan Kardec, num documento achado entre os seus papéis”* ⁽¹⁾, lemos, em seu primeiro parágrafo:

Estes princípios, para mim, não existem apenas em teoria, pois que os ponho em prática; faço tanto bem quanto o permite a minha posição; presto serviços quando posso; **os pobres nunca foram repelidos de minha porta, ou tratados com dureza; foram recebidos sempre, a qualquer hora, com a mesma benevolência; jamais me queixei dos passos que hei dado para fazer um benefício;** pais de família têm saído da prisão, graças aos meus esforços. Certamente, não me cabe inventariar o bem que já pude fazer; mas, do momento em que parecem esquecer tudo, **é-me lícito, creio, trazer à lembrança que a minha consciência me diz que nunca fiz mal a ninguém, que hei praticado todo o bem que estive ao meu alcance**, e isto, repito-o, sem me preocupar com a opinião de quem quer que seja. ⁽²⁾ (grifo nosso)

Será que seus detratores agem melhor que ele ou seriam tão somente *“sepulcros caiados”*?

Tomando de três momentos teremos condições de apresentar aos espíritas desinformados o verdadeiro pensamento de Allan Kardec, esperando que sejam honestos o suficiente para mudar o conceito de racista que fazem dele:

1º) Aos 24 anos:

¹ KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 372.

² KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 371.

Certamente, não está no meu pensamento, nem nos meus princípios, desprezar ninguém, e menos ainda de rebaixar o nascimento de quem quer que seja, pois nenhuma classe tem o privilégio exclusivo de dar à sociedade homens estimáveis; minha observação não aponta pois para a condição em si mesma, mas para o vazio que esta condição pode deixar no professor, se este não puder preenchê-lo por si mesmo. ⁽³⁾ (grifo nosso)

2º) Aos 57 anos:

[...] porque **o Espiritismo**, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, **apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos da cor.** [...]. ⁽⁴⁾ (grifo nosso)

3º) Aos 64 anos:

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a **injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte**, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da **igualdade dos direitos sociais** e, por conseguinte, o da liberdade. ⁽⁵⁾ (grifo nosso)

Eis aí, nessas três transcrições, o verdadeiro pensamento de Allan Kardec sobre o tema, fora disso é o que se denomina de anacronismo, erro crasso sempre cometido pelos desinformados, bem como pelos fanáticos.

Esquecendo-se dessas citações acima, só faz sentido julgar qualquer pessoa diante do contexto de sua época. É de conhecimento de todos que naquele tempo a ciência dita oficial classificava os homens em raças distintas, com suas específicas particularidades. (Na minha opinião, a FEB não deveria ter assinado o TAC, justamente por questão do anacronismo.)

³ INCONTRI e GRZYBOWSK, *Kardec Educador – Textos pedagógicos*, p. 66.

⁴ KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 297.

⁵ KARDEC, *A Gênese*, p. 31.

Allan Kardec utilizou-se dessas informações para demonstrar a falta de sentido delas diante do ser espiritual que acima de tudo somos. Aliás, ele sempre considerava os homens na sua condição de Espíritos, que, sem qualquer privilégio, têm a mesma origem e a mesma meta final.

Recomendamos a leitura do ebook de nossa autoria intitulado **Racismo em Kardec?**, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/racismo-em-kardec>

Diante dessa pesquisa, acreditamos que a resposta à pergunta “*por que o Espírito de Verdade não socorreu Kardec*”, para nós, não faz sentido algum, uma vez que Allan Kardec jamais foi racista.

Acreditamos que, no presente caso, bem vale esta assertiva do Codificador: “*se as premissas não estão certas, a conclusão não saberia sê-lo.*”⁽⁶⁾

O escritor Wilson Garcia, em **O Espiritismo depois do ponto final**, no tópico “Kardec: não-racista e contra o racismo”, do capítulo “7 – Preconceito, povos originários, decolonização⁽⁷⁾, a justiça reclamada”, pontua:

[...] algumas passagens nas obras de Kardec, em particular em *A Gênese* e na *Revista Espírita*, apresentam elementos que, lidos fora do contexto histórico, podem parecer discriminatórios. **Essas passagens refletem influências das teorias científicas e filosóficas da época**, como as noções de hierarquia racial que eram **amplamente aceitas no século XIX**. É importante entender que **tais conceitos não foram introduzidos por Kardec como doutrina espírita, mas como reflexos do pensamento de seu tempo, que ele considerava para dialogar com os leitores de sua realidade sociocultural**.

A acusação de que Allan Kardec seria racista é, portanto, infundada e descontextualizada. Kardec não elaborou o Espiritismo como uma doutrina excludente; pelo contrário, ele defendia o progresso universal, no qual todos os espíritos participam, independentemente de sua origem ou condição. Em *O Livro dos Espíritos*, por exemplo, ele afirma que as diferenças entre os povos resultam do estágio evolutivo em que se encontram, e que todos alcançarão a perfeição, ainda que em tempos diferentes. Essa visão, longe de ser discriminatória, promove a inclusão e o respeito pela diversidade.

Além disso, Kardec **enfrentou diretamente preconceitos religiosos e sociais ao propor uma doutrina que valorizava a liberdade de**

⁶ KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 154.

⁷ Decolonização: o mesmo que descolonização. (Dicionário Priberam – online: <https://dicionario.priberam.org/decoloniza%C3%A7%C3%A3o>)

pensamento e a igualdade moral. Sua abordagem progressista desafiava estruturas de poder e crenças estabelecidas, enfatizando que o caráter e a moralidade de um indivíduo são superiores a qualquer atributo físico ou cultural. Ele insistia na ideia de que o progresso moral é o verdadeiro critério para avaliar o valor de um espírito, não as condições materiais ou sociais em que ele se encontra momentaneamente.

Portanto, atribuir racismo a Allan Kardec é uma leitura superficial que ignora o contexto histórico e os princípios centrais do Espiritismo. Reconhecer as limitações culturais de sua época não diminui a universalidade de sua obra, mas reforça a necessidade de interpretá-la à luz dos valores atemporais que ela promove. **O legado de Kardec é, acima de tudo, uma mensagem de fraternidade, igualdade e progresso coletivo,** que continua a inspirar a luta contra todas as formas de preconceito na sociedade contemporânea. ⁽⁸⁾

Essa é exatamente a forma que pensamos, Wilson Garcia foi bem objetivo em sua exposição que somente os “cegos por conveniência” não enxergarão.

Por outro lado, vários textos bíblicos, que afirmam ser a “*palavra de Deus*”, apoiam a escravidão, por exemplo, então, o que poderemos dizer de seus autores, usando do mesmo critério do qual se servem para qualificar Allan Kardec?

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Abr/2023

Revisão: Artur Felipe Ferreira

Hugo Alvarenga Novaes

Referência bibliográfica:

GARCIA, W. *O Espiritismo depois do ponto final*. Capivari (SP): EME, 2025.

⁸ GARCIA, *O Espiritismo depois do ponto final*, p. 69-70.

INCONTRI, D. e GRZYBOWSKI, P. *Kardec Educador – Textos pedagógicos*. Bragança Paulista (SP): Comenius, 2005.

KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras (SP): IDE, 1993.

DICIONÁRIO PRIBERAM (online), disponível em:

<https://dicionario.priberam.org/decoloniza%C3%A7%C3%A3o>

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Racismo em Kardec?*, disponível em:

<https://paulosnetos.net/article/racismo-em-kardec>. Acesso em: 13 set. 2024.

Artigo publicado (primeira versão):

– Revista Semanal de Divulgação Espírita **O Consolador**, Ano 17, Nº 820, 23 de Abril de 2023, disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano17/820/ca6.html>